

G20 – “Super-ricos têm de ser taxados por uma questão de sobrevivência da democracia”

written by O Cidadão | 23 de Julho, 2024



Em entrevista à Lusa, o diretor político do Observatório Tributário da União Europeia afirma que nesta proposta não está em causa apenas **“aumentar receita, mas também uma forma de reconstruir a confiança com os governos”**.

“É preciso exigir de forma clara que somos capazes de desenhar um sistema de impostos onde aqueles que têm mais condições de pagar impostos paguem tanto como o resto da população”, sublinha o economista francês, referindo-se ao sistema vigente.

Esse sistema, considera, **“facilita a fuga aos impostos dos mais ricos, ou a alocação de capital em que consigam pagar menos impostos, o que permite que “o teu vizinho que ganha mais pode pagar menos impostos que tu”**.

Na opinião de Quentin Parriniello, a não cobrança de impostos

aos bilionários, *“mina a confiança nos Governos que deviam trabalhar para o bem maior e não para uma pequena elite”*.

“Não é apenas sobre aumentar as receitas, é sobre salvar a democracia e reconstruir a confiança entre governos e cidadãos”, considera.

O Brasil, que detém a presidência do grupo das 20 maiores economias do mundo (**G-20**) até finais de novembro, encomendou o relatório e espera que este seja apoiado pelo máximo número de países, durante a cimeira de ministros das Finanças e de Presidentes de Bancos Centrais do grupo, que decorre entre quinta e sexta-feira na cidade brasileira do Rio de Janeiro.

As conclusões do relatório indicam que um imposto mínimo de **2%** sobre os bilionários seria a opção mais indicada para restaurar a progressividade tributária globalmente e arrecadar mais de 250 mil milhões de dólares (230,9 mil milhões de euros ao cambio atual) por ano.

De acordo com o Observatório Tributário da União Europeia existem menos de 3 mil bilionários em todo o mundo.

Até agora, os únicos países que pertencem ao grupo das 20 maiores economias mundiais que apoiaram publicamente a ideia de um imposto mínimo global sobre os muito ricos foram o **Brasil, a França e a África do Sul**.

Bélgica e Espanha, país convidado permanente nos trabalhos do G20, também **já apoiaram a medida**, assim como 12 países da América Latina.

O Governo português – que foi convidado pelo Brasil para membro observador do G20 – **ainda não se pronunciou** sobre esta matéria.

Ainda assim, recorda Quentin Parriniello, durante a reunião do G7, que decorreu no mês passado em Itália, as principais economias mundiais mostraram-se *“Dispostas a trabalhar de*

forma construtiva com o Brasil para uma decisão” e assumiram que têm de fazer mais em relação à taxaço dos bilionários.

Em relação ao desfecho positivo durante as reuniões do Rio de Janeiro, nas quais Portugal está representado pelo secretário de Estado Adjunto e do Orçamento, José Maria Brandão de Brito, o economista francês indica esperar *“o melhor”*.

Aponta, contudo, a possibilidade de não conseguir nada porque *“infelizmente isso pode acontecer devido a questões geopolíticas”*.

Mas pode acontecer também que se faça um *“diagnostico comum e uma agenda definida”*.

“Mas independentemente do cenário isto é apenas o início de uma história”, perceber que isto é um problema e o que se deve fazer para o colmatar, sublinha o economista.

Em relação à forma como o dinheiro arrecadado pelos impostos dos bilionários pode ser alocado, Quentin Parriniello justifica que esta não deve ser uma conversa para o momento.

“Se discutirmos como utilizar o dinheiro antes de obtermos o dinheiro não é a melhor forma” de se chegar a consenso, considera.